

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

CONTOS E POEMAS INFANTOJUVENIS

VOL. IX



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-02-06460-3

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

SOBRE ANIMAIS E AZEITONAS, POR ALDA DE CÁSSIA DOS SANTOS FERREIRA, PÁG. 05

O DONO DO NATAL, POR ALECRIM DOURADO, PÁG. 09

MINHA MANA, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 13

A LEBRE E A TARTARUGA, POR GUILHERME HERNANDEZ FILHO, PÁG. 15

QUARTO ESCURO E CROCODILO, POR HELDER FERREIRA DE MOURA, PÁG. 17

SONETO NA FLORESTA, POR ISABEL BOEIRA, PÁG. 19

OS MISTÉRIOS DA FLORESTA, POR JOTAELE, PÁG. 21

UM ASTRO DE NASCENÇA, POR LETÍCIA DIAS, PÁG. 28

DRAGÃO DO TEMPO, POR LUÍS HENRIQUE BOSCATO, PÁG. 32

O GATO GERALDO, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 40

ZEQUINHA E A CAVERNA ENCANTADA, POR MICHELE JORDANIA FERREIRA, PÁG. 43

PAREDE SENTIMENTAL, POR NINA MELCHIOR, PÁG. 45

DISTINTOS ESPAÇOS, POR NINA MELCHIOR, PÁG. 47

POEMA 1, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 52

POEMA 2, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 54

A GRANDE AVENTURA DE LILA E A ESPADA MÁGICA, POR TATIANE DA SILVA PEREIRA VEIGA, PÁG. 56

AMIGOS EM CAMPO, POR TATIANE DA SILVA PEREIRA VEIGA, PÁG. 58

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 60

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

**CONTOS E
POEMAS
INFANTOJUVENIS**

VOL. IX



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

SOBRE ANIMAIS E AZEITONAS

Por Alda de Cássia dos Santos Ferreira

Alda de Cássia dos Santos Ferreira é paraense, nascida em Belém do Pará, terapeuta ocupacional graduada pela Uepa (Universidade do Estado do Pará), em 1996, e pós-graduada em Abordagem Multidisciplinar com Portadores de Deficiências pela UEPA e pós-graduada em Terapia Ocupacional Pediátrica, pela Faculdade Unyleya.

É contadora de histórias fazendo parte do Movimento dos Contadores de Histórias da Amazônia (MOCOHAM). Tem dois livros de Contos Terapêuticos publicados e possui um canal no YouTube "Égua do Livro Bom!" que incentiva o gosto pela leitura.

Na África vivem vários animais. Da zebra ao leopardo, dos suricates ao camelo, da ema ao abutre. Há também o rinoceronte, a gazela, o leão e a chita. Nossa História vai começar

com dois animais: a girafa e o elefante.

Pois bem! Ambos vivem e andam em grupos. Mas cada um tem a sua identidade própria, sua marca, sua característica marcante em sua espécie, que os destacam, que os fazem ser

únicos. A girafa tem o seu pescoço grande e pernas alongadas. Já o elefante, com o seu nariz, ou seja, a sua tromba, de longe chama a atenção de todos.

Em uma bela manhã de sol a pino, dois animais africanos encontravam-se em um belo diálogo:

– Estou tão feliz porque sempre sou atração aqui no parque ecológico. Todos querem tirar uma foto comigo nem que seja pela grade! Este meu pescoço que chega quase ao céu é

tão majestoso! – disse a girafa.

– Bem... Eu sou pesado. Uma tonelada ou mais. Tenho este meu nariz que elevo acima da cabeça para jogar água em meu corpo. Pego desde uma folha do chão até puxar uma corda –falou o elefante.

Os abutres, animais invejosos, logo resolveram atizar, intrigar e semear a discórdia entre eles...

– E aí, camaradinhas! Vocês não são tão perfeitos assim! Você, dona girafa, precisa abrir as suas patas e abaixar a cabeça para beber água do balde. E aí, que grande vantagem você tem? Seu pescoço é grande e alto, mas você se rebaixa e vai até o chão. E você, caro elefante! Arrasta esta sua tromba pelo chão e acaba sujando-a de lama. Lama é suja, nojenta e pegajosa. Grandes coisas tomar banho sozinho só usando uma tromba!

A girafa e o elefante logo franziram as testas de tanta indignação. Sempre existem animais invejosos quando você tem algo de especial. Parece que incomoda ter esse algo a mais, a girafa refletiu. Como esses abutres tinham a coragem de denegri-los por pura inveja! Como podem apontar defeitos e caçoar deles? Indignado ficou o elefante.

A sábia girafa pediu autorização para o nobre elefante para colocar os pingos nos “is” e assim fazer jus ao seu título de elegância na África.

– Caros abutres, vocês nos apontam defeitos. Ridicularizam-nos! Temos sim qualidades e defeitos. Mas somos em nossa origem animais elegantes e grandiosos. Não comparamos se o pescoço do irmão é mais grosso que o nosso. Ou se o nariz é maior que o outro. Ou quem é mais leve ou pesado... O meu pescoço faz a diferença quando quero comer. Os

melhores alimentos estão no alto das árvores. E o elefante, apesar de ter uma tromba grande, nunca erra a sua boca ao alimentar-se!

Aumentando um pouco o tom de voz, disse:

– E vocês? Comem carne de animais mortos e até podres. Deve ser por isso que vocês falam mal dos outros. Porque vocês valem o que comem! Não pensem que vamos brigar com vocês! Sem meu pescoço, grande e alto, não seria uma girafa! E sem a sua tromba grande o elefante não seria elefante!

Cada um tem sua particularidade, sua essência! E vocês... são o que são... tristes criaturas! Voem e descubram que vocês são belos aos olhos do nosso Criador e assim preencham de amor os seus corações.

Para refletir

Somos únicos e com identidades próprias, por isso nada de ficar se comparando com o fulano ou beltrano, ouviu? Aceitação. Aceitar-se é o primeiro passo para blindar a nossa autoestima. O que é isso? Não deixar que comentários destrutivos façam você ficar para baixo ou com o pneu baixo, popularmente falando! Você já teve essa sensação de menos valia?

Vamos pensar juntos, OK? Cada um de nós – Sim, sim...eu e você – possuímos uma beleza, digamos, personalizada, e que fique bem claro, dada por Deus no momento do nosso nascimento.

Você já pensou sobre a azeitona em cima de uma empada? Quem nunca comeu a azeitona de uma empada? Sem azeitona não é empada... Não é mesmo! Ela dá o toque final.

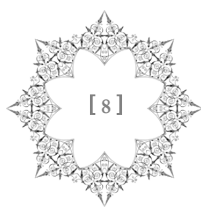
Aquele salgadinho a mais. Tão singular e único! Pode ser de camarão, de galinha ou de queijo. A azeitona é a azeitona. Só muda a cor e o tamanho, que dependem muito da forma como é cortada. Mas seu lugar é em cima da empada.

Vamos fazer outra reflexão sobre o conto? OK! Vamos lá! Será que o silêncio da girafa e do elefante não seria o bastante como resposta aos insultos dos abutres. Sim ou não? Ou será que foi necessário responder à altura? O que você acha? Vamos fazer uma reflexão agora associativa? Vamos lá! Imagine uma mão fechada e outra aberta. Já imaginou? Qual delas seria a resposta ao insulto e qual seria a do silêncio? Será que a mão fechada deixaria você mais longe da razão e perto da emoção? Ou será que evitar o conflito desnecessário poderia ser representado pela mão aberta?

Na verdade, quando uma pessoa busca a perfeição, algo acontece. O quê? Ela provavelmente será rejeitada ou excluída já que ela terá que atender certos padrões estipulados como regra para fazer parte do grupo. Você concorda comigo?

Enfim, ninguém precisa de pessoas que apontem os nossos defeitos. Quem procura defeito no outro é porque tem medo de aceitar o que é! Não é verdade? Então, que tipo de pessoa precisamos ter ao nosso lado?

Somos únicos! Não existem duas pessoas iguais! Que eu saiba até os gêmeos univitelinos possuem um detalhe que os identifica fisicamente. Então, por que temos que ter uma “beleza” que o outro deseja ver em nós? Seja girafa, seja elefante! Seja azeitona, então!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O DONO DO NATAL

Por Alecrim Dourado

Lúcia Almo de Moraes exerce a odontologia.

Foi auxiliar de ensino na disciplina de Ortodontia na instituição Fonf-Uf. Hoje atua na Clínica SUBLIME odontologia e saúde integrada, tendo como slogan "Cura e Arte em seu Sorriso". Como a odontologia é uma arte, desenvolveu outras habilidades artísticas, o que a levou a ingressar na cultura, na modalidade de Escritora de Literatura Infantil!

Em uma terra distante, chamada Antioquia, uma menina trazia uma coroa toda azul e amarela, pois amar é um elo entre o azul do céu e o amarelo do ouro. A coroa, cheia de pedras preciosas, seria entregue como presente ao Dono do Natal.

Dirigindo-se aos seguidores do caminho, perguntava:

— Oi, senhor, que bom encontrá-lo aqui! Estou à procura de uma pessoa muito importante: o Dono do Natal. Você é o Dono do Natal? Trouxe um presente para você.

— Não! Estou aqui apenas para celebrar o Natal!

— Será você, Guirlanda, a Dona do Natal? Trouxe um presente para o Dono do Natal.

— Não, eu enfeito as portas das casas, hospitais, lojas, shoppings, orfanatos e igrejas para felicitar a chegada do Natal. Mas não sou a Dona do Natal.

— Olhe, aquela estrela brilha mais do que as outras. Ela é muito especial... A vovó contava lindas histórias sobre ela. Estrela Guia, trouxe um presente para o Dono do Natal. É você a Dona do Natal, não é?

— Não, estou aqui para guiar o Natal e tornar o mundo mais iluminado!

— Que som é esse? Ah, já sei, é o sino. Então, Sino, você é o Dono do Natal? Trouxe um presente para você.

— Não, estou aqui para anunciar o Natal e convocar todos para a sua chegada...

— Anjo da Guarda, você é um mensageiro de Deus; por isso, deve ser você o Dono do Natal que estou procurando para presentear.

— Não, estou aqui para guardar o Natal e fazer com que a alegria reine entre os humanos.

— Árvore de Natal, você é a expressão da energia e da fertilidade da natureza. Toda verde, é sinal de vida. Trouxe um presente para o Dono do Natal. Você é tão bonita! Então, é você a Dona do Natal?

— Não, estou aqui para enfeitar o Natal. Com o verde, quero anunciar uma vida nova para todos vocês.

— Presente, você é tão esperado por todos no Natal! Trouxe um presente. Acho que você é o Dono do Natal. Acertei?

— Não, estou aqui para presentear a todos na Noite de Natal e fazer com que meu presente nasça em cada coração, transformando-o.

— Amigo Oculto (ou Secreto), trouxe um presente. Escondidinho aí, é você o Dono do Natal?

— Não, estou aqui para brindar, descobrir quem é o meu amigo oculto, presenteá-lo na Noite de Natal e lhe desejar um feliz Natal.

— Cartão de Natal, todos o desejam: pobres e ricos, brancos, negros, amarelos, pessoas de todas as raças. Você é o Dono do Natal? Trouxe um presente para o Dono do Natal.

— Não, estou aqui para saudar todos os povos, desejando PAZ, AMOR, ALEGRIA e FELICIDADE nas festas de Natal.

— Vela, você simboliza a luz das estrelas que guiaram os Reis Magos. Portanto, deve ser a Dona do Natal. Trouxe um presente. É você, não é?

— Não, estou aqui para iluminar o Natal, mostrar a todos a Boa-Nova e ser como uma lâmpada.

— Papai Noel, você é tão famoso entre as crianças! Você deve ser o Dono do Natal. Trouxe um presente para ele. É você?

— Também não. Estou aqui para distribuir presentes a todos na Noite de Natal, fazer com que as pessoas esqueçam seus problemas e suas mágoas, sejam felizes e recebam em seus corações o presente maior.

— Reis Magos, vocês, representando povos distantes e culturas diferentes, chegaram ao local do nascimento de Jesus trazendo-lhe presentes. Então, são vocês os Donos do Natal? Trouxe um presente para o Dono do Natal.

— Não. Assim como você, também viemos trazer presentes para o Dono do Natal.

— Sou Melchior. Trouxe-lhe incenso para que, ao queimá-lo, suas ofensas, mágoas, tristezas e humilhações subam ao céu em forma de fumaça.

— Sou Baltasar. Trouxe-lhe mirra como bálsamo, para aliviá-lo e fortalecê-lo.

— Sou Gaspar. Trouxe-lhe ouro, por ser puro como o mais puro dos metais e por simbolizar sua realeza, pois ele é o REI DOS REIS.

— O que estou ouvindo? Música! Só pode ser ela a Dona do Natal. Música, é você a Dona do Natal? Trouxe um presente para você.

— Não, estou aqui para cantar, dançar e alegrar a todos na Noite e no Dia de Natal. Comigo, todos poderão orar, meditar e perceber como é belo louvar e adorar o REI DOS REIS.

— Coração, coração! Você é o Dono do Natal?

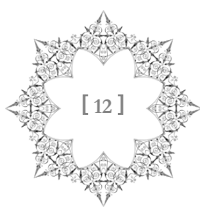
— Eu represento o amor no Natal. Estou no Natal e, por meio de mim, apresento a vocês o Dono do Natal.

— Se nenhum de vocês é o Dono do Natal, quem será, então, o Dono do Natal?

— ELE É O DONO DO NATAL: Nosso Senhor Jesus Cristo!

Ele está vivo entre nós e dentro de nós. É a história do amor de Deus por nós: ternura para o passado, coragem para o presente e esperança para o futuro. Que Jesus faça brilhar a sua luz para sempre, e que sejam luminosas também as nossas vozes e mentes!

Celebremos o mistério do Natal que nos ilumina e renova.
Feliz Natal!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MINHA MANA

Por Amilton Conté

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022; As Magoas que magoam

2023; 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além)

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

2025; O Prêmio Literário Internacional Suisse Excellence

2025; Homenagem por mérito O Prêmio Afro events Luxemburgo

Venho, por este meio, delicadamente representar o meu ego e declarar o adeus que, em minha boca, não há de ser ouvido. Eu queria que o meu regresso pudesse ser igual ao viver dos peixes, que vão no mar deste mundo perdidos e livres, sem saber onde lhes calhará o dia ou qual será a refeição.

Este lago viu-me crescer, partilhando comigo o seu apelido, que se deve à ausência dos meus pais. Essa hora deve estar a chegar ao reino do Pai, onde irei encontrar a mãe e o pai sentados à direita de Deus.

Perdoai-me por todo o trabalho que vos dou, neste adeus que demonstrou o meu desalento.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A LEBRE E A TARTARUGA

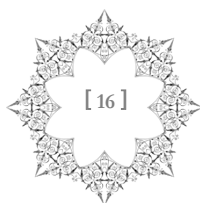
Por Guilherme Hernandez Filho

Guilherme Hernandez Filho, nascido em São Paulo, em 01/06/1947. Engenheiro eletrônico, pela Universidade Mackenzie. Pós-graduado em Administração de Empresas, pela Fundação Getúlio Vargas. Foi executivo de grandes empresas nacionais e multinacionais. Aposentado, é Conciliador Certificado pelo TJSP. Começou a escrever literatura em 2013 e vem sendo premiado e publicado em vários concursos nacionais e internacionais.

A lebre é um bicho veloz
Da tartaruga caçoava
Esta nunca foi feroz
Às palavras não ligava

Um dia a lebre desafiou
A tartaruga pra corrida
Esta por bem aceitou
E mostrou-se aguerrida

A lebre saiu disparada
Mas veio a parar e dormir
A outra não ficou parada
Ganhando, pra resumir.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

QUARTO ESCURO E CROCODILO

Por Helder Ferreira de Moura

Helder Ferreira de Moura nasceu na Fazenda Santelmo (anexa à Fazenda Malhada das Pombas), no município de Umari-CE. Graduou-se em Odontologia pela Universidade Federal do Ceará em 1980. É sócio fundador e presidente da Associação dos Cajazeirenses e Cajazeirados do Ceará (AC3) e membro fundador da Academia Cajazeirense de Artes e Letras (ACAL). É casado com Acácia Maria Figueiredo Torres de Melo Moura, pai de: Janaina Figueiredo Torres de Melo Carvalho, Tayná Torres de Melo Moura e Hannah Torres de Melo Moura.

— Pai, quero te contar algo fascinante. Acho que o senhor nem imagina o quanto estou feliz.

— Cuidado, filho. Nem tudo que fascina ilumina; às vezes, só assusta.

— É que me apresentaram o "céu", pai. O senhor acredita que ele existe?

— Eu acredito que cada um constrói o seu próprio céu, filho.

— Pois é... mas a minha geração é diferente da sua. A gente precisa de coisas novas, de sonhos rápidos, de atalhos. Somos mais carentes, eu acho. O seu mundo era menor, mais fechado, meio careta. Até pensei em falar com a mamãe primeiro, mas ela vem com aquelas amarras religiosas e travas sociais de sempre.

— Seja direto, meu filho. Eu não nasci ontem e não me quebro fácil. O que aconteceu?

— Fui apresentado às drogas, pai. Achei um caminho mais fácil.

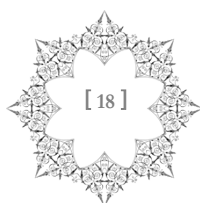
— Tudo é caminho, filho. A questão é onde você quer chegar. Você busca um paraíso, mas pode acabar enparedado em um quarto escuro e sombrio. Um lugar onde eu não te vejo e, se você me chamar, eu não consiga ouvir. Vamos ficar em patamares tão diferentes que o afeto não vai mais conseguir nos atravessar. Nossos pensamentos serão mundos divergentes.

— Não, pai! Não é um quarto escuro. É como um rio de águas transparentes e perfumadas!

— E qual é a cor dessa clareza? Qual o cheiro desse perfume? Não te avisaram que nesse rio mora um crocodilo faminto, pronto para devorar quem vive de sonhos rasos?

— O senhor é muito pessimista... Não acredita em nenhuma promessa moderna?

— Filho, a única certeza que eu cultivo é que esse caminho que te mostraram raramente tem volta. O céu que você espera pode se tornar uma tormenta eterna. Na minha geração, a gente buscava o sagrado, mas mantinha os pés no chão. Não trocávamos a voz dos pais pelos conselhos de "influenciadores". Tínhamos fé, mas também tínhamos razão e personalidade.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SONETO NA FLORESTA

Por Isabel Boeira

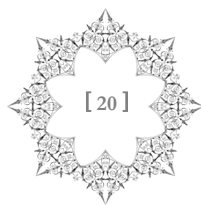
Isabel Boeira é professora e escritora brasileira. Formou-se em Letras pela Unisinos (Brasil) e possui mestrado em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora (Portugal). Isabel publica textos no Brasil e nos Estados Unidos, dedicando-se à escrita de poesias, contos, romances e livros infantojuvenis.

Jacaré, jacarezinho
Tem preguiça de andar
Mas no rio é ligeirinho
Nunca para de nadar

Macaco, macaquinho
Jogou fora a casca da banana
Tombo feio fez cair
a zebra, o cavalo e a lhama

Elegante, elefantinho
Com a tromba esguichada
Jorrou água na manada

Bicharada na floresta
É feliz se está livre
Todo dia faz a festa, não tem tempo pra ser triste.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

OS MISTÉRIOS DA FLORESTA

Por JOTAELE

Jonas Lucio, também conhecido como jotaele, é filho de Benedicto Lucio e de dona Genny Pantaleão Lucio, Jonas Lucio tem dois irmãos Jose Wladimir Lucio e Janes de Fatima Lucio Em fevereiro de 1983, houve um soterramento terra na cidade de Pedreira onde seus pais faleceram conjuntamente.

Jonas Lucio é formado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), Estudou Psicologia na Universidade São Francisco – Itatiba.

Atualmente mora na cidade de Cosmópolis (SP) é natural de Pedreira (SP) e autor do livro *Historias e Estórias de um cidadão comum*, *Contos de Lugarejo – O lugar onde eu moro é lindo*.

O autor já esteve na bienal do livro de Bragança, estará na Bienal de Poços de Caldas, concedeu várias entrevistas, entre elas destacamos: *Revista Literária*, *Diário de São Paulo*, *O Jornal Regional*.

Em uma pequena vila e em uma cabana vive a Francisca, ela tem apenas 13 anos o que não aparenta, junto com seus pais Dona Ema e Seu Fred, seus irmãos o Juan e Javier e mais seus três cachorros a Flora, Plutão e o Pingo estes que foram aparecendo na casa de Francisca e foram ficando, Francisca é o xodó de toda a família e do cão Plutão um misto de pastor alemão com vira lata, onde ela está o cão está sempre por perto, vigiando, eles e ela vivem bem perto da floresta do Carvalho Velho (Carvalho é uma) árvore ou arbusto do gênero *Quercus* (vernacular, querco) da família das fagus, Fagaceae. Existem aproximadamente 600 espécies de carvalho. O nome "carvalho" também está relacionado a outras espécies e gêneros, sobretudo *Lithocarpus* (carvalhos de pedra), bem como *grevílea-robusta* (carvalhos de seda) e *Casuarinaceae* (carvalhos). O gênero *Quercus* é nativo do hemisfério norte, e está presente em latitudes temperadas a tropicais na América, Ásia, Europa e norte do continente africano.

A América do Norte, contém o maior número de espécies de carvalho, com aproximadamente, 90 existentes nos Estados Unidos, enquanto o México tem 160 espécies, das quais 109 são endêmicas), este carvalho se encontra bem na entrada da floresta, floresta enigmática e misteriosa, esta floresta é uma grande extensão de mata, que possui inúmeras árvores. E naquele dia de sol quente, resolveu fazer uma caminhada em direção ao riacho, onde queria ver as águas límpidas que correm em seu leito, olhar as flores que margeiam o belo riacho, saiu com os olhos brilhando de alegria, continuou a trilha, cada passo mais perto da misteriosa floresta, em um determinado momento percebeu que não estava mais sozinha, sem ela perceber, o duende Alah que vivia na floresta, há séculos, apareceu à sua frente, Francisca ficou imóvel, sempre ouvira que existem muitos mistérios nesta floresta, mas jamais imaginou encontrar um duende, os duendes que ela tinha visto até aquele momento em sua vida foram de revista em quadrinhos, o mais famoso fora o Duende Verde (O personagem foi criado pelo escritor Stan Lee e pelo artista Steve Ditko, aparecendo pela primeira vez na revista *The Amazing Spider-Man* (julho de 1964).

O chefe industrial e amoral da Oscorp tomou uma fórmula que aprimorou as suas capacidades físicas e seu intelecto, mas também o levou à loucura. Ele adotou uma aparência temática do Halloween, vestindo-se com um traje de duende, montando em um

planador com forma de morcego e usando um arsenal de armas de alta tecnologia, como granadas em formato de abóbora. O Duende Verde é o arqui-inimigo do Homem-Aranha por ter sido ele o responsável por inúmeras tragédias à vida do herói (como a morte de Gwen Stacy e a Saga do Clone).

Também é o pai de Harry Osborn, o melhor amigo de Peter Parker. No entanto, o Duende também já entrou em conflito com outros super-heróis do Universo Marvel e foi o foco de toda a série *Reinado Sombrio*, com um enredo da interação inicial do Patriota de Ferro). Mas esse Duende que estava ali com ela, era visível bem visível, ia ao lado dela rindo suavemente das perguntas incessantes da menina, que queria saber de tudo sobre ele e a floresta e ele, pouco se importando com as perguntas, já que pouco respondia suas questões, sem respostas, ela decidiu ficar calada e começou a observar, um ser pequeno que usa roupas antigas de cor verde e que sua pele, parecia ora vermelho ora verde, que criatura mais estranha e esquisita, a princípio ficou com medo, medo este que logo se tornou curiosidade, o que aquele serzinho quer com ela, neste lugar e para onde estava levando-a, pensou em silêncio, ela com apenas doze anos, ficou desconfiada, muito desconfiada, mas logo percebeu que Plutão mantinha-se calmo e tranquilo isto também a fez ficar mais tranquila.

Conforme avançavam, para o interior da floresta, a luz do dia parecia diminuir, como se a floresta estivesse guardando seu maior segredo, para o fim da tarde.

As árvores começaram a se tornar mais altas e antigas, com troncos grossos e raízes que se entrelaçavam no solo, como se a terra estivesse viva.

De repente bem na sua frente, surge um grande lobo da cor cinza, era um animal da raça canina, o maior que já tinha visto em toda sua vida, bem diferente dos cães que ela tem em sua casa, rosnava para ela e para Plutão, dando a impressão que iria pular em cima deles, com aqueles dentes e garras poderosas que ela jamais tinha visto, Plutão este já com o pelo todo levantado em sinal de alerta, já pronto para o enfrentamento, mas o duende, vendo a situação que poderia se tornar perigosa, logo, com uma agilidade nunca vista por ela, em um só pulo ficou a frente dela e de Plutão, e com as mãos abertas foi dizendo; “não viemos aqui para destruir nada, nem tampouco maltratar qualquer ser que viva aqui”, ouvindo isto, o lobo, logo se acalmou, falando: “se vieram em paz vou acompanhá-los até o destino final da jornada nesta floresta, para que nada aconteça a vocês”, Francisca ficou a observar o lobo, era um animal lindo com sua pelagem que

parecia muito macia, até deu vontade de passar as suas mãos e quem sabe poder acaricia-lo um pouco, mas recuou, desta vontade, pois nunca tinha vista aquele animal, notou também que e em algumas partes do rosto, havia várias cicatrizes, pensou talvez seja pelas batalhas e lutas que já participou, com outros animais, que aqui existem, Alah antes de começarem a caminhar, disse para Francisca: “ Este e Fenrir o lobo solitário que vive aqui na floresta, ele também ajuda a proteger todos que aqui moram, Francisca apenas balançou a cabeça em sinal de respeito e Fenrir olhou-a com um ar de ternura e carinho para com ela.

Depois de alguns minutos caminhando juntos Alah e Fenrir e Plutão, Francisca começou a sentir algo estranho no ar, uma sensação de que estava chegando a um lugar muito especial, algo mais profundo e misterioso.

Então, à medida que a trilha se abriu para uma clareira, Francisca ficou sem palavras. À sua frente, em toda a sua majestade, erguia-se uma árvore enorme e maravilhosa, um pé jequitibá colossal. Suas raízes pareciam enormes serpentes que se enterravam na terra, e seu tronco era tão largo que Francisca sentiu como se estivesse olhando para uma montanha de madeira. As folhas da árvore formavam um teto espesso, bloqueando grande parte da luz do sol, e uma aura mística parecia emanar do gigante verde, o gigante da floresta era a árvore mais bonita que ela tinha visto até aquele momento em sua vida, quase não conseguia ver o final de sua copa, foi onde ela pensou, ele deve ser o rei a floresta, quantas vidas esse gigante já viu ou deu de abrigo, quando os animais necessitaram e necessitam dele para sobreviver aqui nesta mata. Devia ter mais de 50 metros, idade ela não tinha ideia, mas com certeza tinha mais de 500 anos, ficou olhando extasiada a beleza daquela árvore, como pode alguém querer destruir uma obra perfeita da natureza como essa que serve ainda hoje, de abrigo para vários animais pequenos ou grandes, talvez tenha até protegido algumas pessoas que por ventura passaram por aqui, era realmente um maravilha, foi neste momento que agradeceu em voz baixa a Deus, por ter dado a ela a oportunidade de ter visto aquela maravilha da natureza.

"Este é o jequitibá é onde mora a Coruja Velha", disse Alah, com um tom reverente em sua voz profunda. "Ela é a guardiã dos segredos mais antigos da floresta. Só os mais sábios podem chegar até aqui, são muitos anos que um protege o outro, são amigos de longa data, em virtude de sua idade ela é considerada um ser sábio".

Francisca olhou em volta, maravilhada, e perguntou a Alah: "Mas como eu sei que vou encontrar a Coruja Velha?".

Nesse momento, uma brisa suave passou pela clareira, e uma sombra enorme cruzou o céu. Francisca levantou os olhos e viu, pousando no galho mais alto do jequitibá, uma coruja de penas prateadas que refletiam a luz do fim da tarde. Seus olhos eram enormes, como dois orbes dourados, e parecia olhar diretamente para a alma de Francisca.

A coruja se empoleirou tranquilamente e, com uma voz baixa e sábia, falou: "Você chegou Francisca. Estávamos te esperando."

Francisca ficou em silêncio, um misto de medo e fascínio. Como a coruja sabia seu nome? Como sabia que ela viria? Perguntas estas que faria assim que tivesse oportunidade, já que até aquele momento não sabia da existência da coruja Velha.

A existência da Coruja Velha já é sabida por muitos que moram ao redor da floresta, mas, poucos a viram voando ou pousada em algum galho de árvore, alguns dizem que ela tem mais de 100 anos, um dos que viram é seu Benedito que mora há muitos anos na vila, é morador mais velho da vila, diz que ele tem mais de 90 anos, ele mesmo não confirma nem "desconfirma" quando o assunto é idade e quanto é confrontado para dizer suas primaveras, ele pega o caminho da casa e vai se embora, ele já viu a Coruja Velha, mas não gosta de falar do assunto.

"Você entrou nesta floresta velha com o coração puro", continuou a coruja, "e isso não passou despercebido. Agora você está pronta para conhecer um dos maiores segredos da natureza."

A coruja batia suas asas grandes, fazendo uma leve brisa na clareira, enquanto seu olhar fixo nunca se afastava de Francisca. "O jequitibá é um símbolo de sabedoria, força e resistência. Ele guarda as histórias da terra, e cada folha que cai carrega um segredo do passado. Só aqueles, que respeitam a floresta têm a chance de ouvir esses segredos."

Francisca, com um brilho nos olhos, perguntou: "E o que a floresta quer me ensinar, Coruja Sabia"? E como sabe tudo de mim se nunca me tinha visto? .

A coruja pousou mais perto, suas penas faiscando ao som de sua voz misteriosa, "Tudo que acontece nesta floresta eu fico sabendo e o que não, sei meus amigos me veem contar, faço parte desta floresta há muitos anos, vivo fugindo das maldades do ser

humano, mas e sei também quanto uma pessoa de bem vem por aqui, sei reconhecer quando entram na floresta sem maldade contra mim, contra meus amigos e contra o Jequitibá”.

E completando sua fala: "Ela quer te ensinar a ouvir. Não apenas o que está à sua volta, mas também o que está dentro de você. A verdadeira sabedoria da floresta não está em palavras ou lendas, mas em entender o equilíbrio entre todas as coisas vivas. O jequitibá me observou crescer por anos. Ele sabe mais do que qualquer um. E você, Francisca, aprenderá com ele.”.

Nesse instante, uma leve brisa fez as folhas douradas da árvore se mexerem e como um voo de uma borboleta, esta mesma folha caiu lentamente até os pés de Francisca. Ela a pegou, observando a perfeição de sua forma e a leveza de seu toque, pensou: Como a natureza é bela, produz obras maravilhosas, como pode uma árvore enorme como esta conseguir produzir uma folha tão simples e delicada, ficou a contemplar a folha por alguns instantes, até ser interrompida em seus pensamentos, pela Coruja Sábia.

"Essa folha," disse a coruja, "é um presente. Sempre que precisar de orientação, olhe para ela. Ela tem o poder de mostrar o caminho, mas lembre-se: a floresta só revela o que você está pronta para entender.”.

Francisca sentiu um calor no peito, como se a conexão com a natureza estivesse se aprofundando em seu ser. Ela sentiu que estava sendo parte de algo maior, que a floresta estava ali para protegê-la e guiá-la, mas que, também, precisava dela para seguir existindo.

Alah, o duende, pulou de um galho para outro da velha árvore e sorriu. "Agora você tem a sabedoria do jequitibá, Francisca. Sempre que precisar, a coruja e o lobo estarão ao seu lado."

Fenrir olhou para ela com um sorriso discreto. "E a floresta será sua amiga, sempre. Mas lembre-se, a amizade da natureza é construída com respeito. Se você se esquecer disso, a floresta pode se tornar um lugar muito solitário e perigoso."

Francisca, agora com a folha dourada em suas mãos e o coração cheio de novos conhecimentos, se despediu da Coruja Sábia e dos dois guardiões da floresta, chamou Plutão, este, levantando-se de onde estava deitado foi em sua direção para saírem juntos

da floresta, como chegaram. Ao sair da clareira e retornar pela trilha, olhou para traz para ver seus novos amigos, mas, estes já se embrenharam na floresta, sumindo nos meios das arvores e arbustos do mesmo jeito que apareceram, ela sentiu que, de alguma forma, havia se tornado parte da floresta. As árvores, o vento e até as pequenas criaturas pareciam cumprimentá-la à medida que ela passava.

Ao chegar à vila, o sol já estava se pondo no horizonte, tingindo o céu de laranja e rosa. Francisca olhou para a floresta com um sorriso tranquilo, sabendo que a magia não estava apenas nas histórias ou nas criaturas mágicas, mas na ligação entre todos os seres vivos. E, com o jequitibá em seu coração e a sabedoria da Coruja Sábia, a proteção de Fenrir ela sabia que sempre teria a floresta como sua aliada, sentindo que se precisasse, seus novos amigos sempre a ajudaria, e foi em direção a sua casa com Plutão sempre ao seu lado, pensando que poderes poderia ter aquela folha dourada, que acabara de ganhar?





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

UM ASTRO DE NASCENÇA

Por Letícia Dias

A autora Letícia Dias cresceu amando a arte, literatura, poesia e toda a mera definição que se aplica a um estilo de vida: Viver a arte, é em si tornar-se autêntica e corajosa para ser quem é. Desde sua infância e adolescência, compartilha desse amor com o mundo.

Quando tinha nove anos, morava em um sítio com minha família com um quintal grande o bastante para qualquer animal correr livre e solto. A quantidade de árvores faziam fila para servirem como um guarda-sol para os dias quentes de verão.

Passei minha infância inteira lá, tinham patos e galinhas que andavam pelo gramado, além de alguns cachorros e gatos que estavam sempre deitados ou brincando uns com os outros.

Era um lugar mais que familiar pra mim, mais que uma casa, era um lar.

Porque além dos animais que corriam, eu também corria feito atleta, seja na Escola ou em casa. Eu adorava correr porque imaginava o corredor do colégio como um campo grande, e o vento que soprava era o mesmo que também soprava no quintal do sítio.

Era tão relaxante, ainda que perdesse o fôlego quando corresse, nunca deixei de amar correr e alcançar outros lugares tão depressa.

Depois disso, meus pais compraram um carro e nos mudamos de lá, e o melhor era que as viagens de carro que fazíamos eram sempre alegres, com minha irmã e irmão que faziam a viagem ainda mais divertida.

Eu sempre viajava com meu bichinho de pelúcia de um burro, e minha irmã tinha uma ovelha que também virava um travesseiro. No carro, nós três experimentamos pela primeira vez um vento com sabor novo, árvores e nuvens com formatos diferentes e uma estrada nova que parecia nunca acabar.

Era a primeira vez que viajava para outra cidade e senti falta das árvores e do gramado. Mas, depois de um tempo, minha família me levou a conhecer outros lugares.

Como o Shopping da cidade, cheio de luzes e lojas diferentes;

O Zoológico, que tinha um aquário gigante para mostrar as diferentes espécies de peixes;

E o Parque de Diversões, que tinha um carrossel brilhante, com cavalos de várias cores.

Eu gostava de olhar para as casas e prédios e imaginar também como seria minha casa dos sonhos, então, junto com minha irmã tive a ideia de desenhar essa casa.

Quando comecei a desenhar pensei no que eu realmente queria, numa TV grande na sala para assistir a Copa do Mundo com minha família, e também um videogame para jogar meus jogos favoritos.

Enquanto imaginava, também pensei em ter uma bicicleta nova, porque assim poderia sentir o vento soprar de novo no meu rosto como quando estava no sítio.

Eu adorei a ideia então desenhei a bicicleta, a TV nova, e a casa dos sonhos.

Ao terminar de desenhar e escrever o que eu e minha irmã queríamos para nossa casa, entreguei o desenho para meus pais e disse:

“—Pai, mãe! — Gritei, chamando meus pais — Eu lembro de ver um daqueles apresentadores famosos dando casas novas para as pessoas, e pensei que ele pudesse dar uma olhada no desenho que fiz, e realizar nosso desejo também.”

“— Filha! — Minha mãe dizia gentilmente — A gente tem que ver o número para ligar a ele e mandar uma foto do seu desenho, tá tão bonito!”

Depois de um tempo, eu esqueci que tinha desenhado aquilo, e continuei desenhando outras coisas, pessoas, casas, formas, comidas, tudo o que conhecia que parecia novo e diferente. Queria deixar tudo numa folha de papel, para lembrar daquilo mais tarde. Para lembrar das tantas coisas novas que descobri depois de sair da minha antiga casa.

Quando me dei conta, meus desenhos se tornaram realidade.

Eu parei de andar de bicicleta de rodinha, e meu pai me ensinou a andar em uma bicicleta de “adulto”, ele me empurrava para que eu pudesse pegar velocidade e equilíbrio e eu sempre acabava caindo e ralando o joelho.

Mas não tinha problema algum em cair, porque sempre que eu corria nos corredores e cantos da escola também caía e ralava o joelho. E isso nunca me impediu de correr ou de competir numa corrida. Eu pensava naquele ralado no joelho como uma marca de batalha, uma cicatriz que somente heróis tinham. Que somente aqueles corajosos para enfrentar os desafios, seriam capazes de ter.

Falando em corrida, fiz parte de uma competição de corrida em uma pista pela primeira vez aos onze anos, o prêmio do primeiro lugar era uma bicicleta. Fiquei em segundo, mas ver minha família e pessoas torcendo nas bancadas me deixou ainda mais disposta a ganhar.

Ganhar um pirulito e um chapéu como prêmio já fazia a corrida ter valido a pena.

Mais que correr, pra mim significava viver daquilo. Eu não queria ultrapassar todas as pessoas que estavam correndo ao meu lado, queria correr junto delas.

Era meu sonho, e isso era suficiente, eu não sonhava sozinha.

Quando me dei conta, minha mãe contou para todos da minha conquista do 2º lugar, eu fiquei envergonhada porque nunca sabia como reagir. Era como se eu fosse uma estrela prestes a me tornar um astro, e ser maior que isso, mais brilhante.

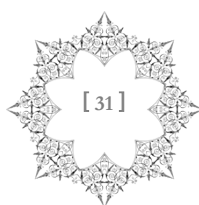
Todos me elogiavam na escola e queriam saber como tinha conseguido correr tão rápido, ficavam surpresos e queriam ser como eu. Ainda que não fosse uma atleta tão conhecida, era como se o mundo inteiro me conhecesse, uma lenda em pessoa.

Foi então que percebi o quanto adorava o que as pessoas conhecem como orgulho, aquilo que elas não tem medo de mostrar para o mundo e sentem que são poderosas porque superam qualquer obstáculo.

Os meus obstáculos foram os ralados na perna e cotovelo, ou quando parei de correr por um longo tempo. Quando fiquei parada, notei que tinham outras coisas que também gostava de fazer e que não eram tão arriscadas: ler um livro, desenhar, pintar, andar de bicicleta ou jogar com minha família.

Dizem que o tempo sara todas as feridas, e sinto que o tempo foi compreensivo comigo e por isso me fez gostar de mais coisas além do esporte. Posso dizer que graças ao tempo e à mudança, hoje faço o que amo fazer: ver que aquele mesmo brilho nos olhares das pessoas ao me ver no pódio, também é o mesmo que brilha em mim ao ganhar uma corrida.

E eu nem preciso ser uma estrela para isso, prefiro dizer que sou um Astro de nascença.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

DRAGÃO DO TEMPO

Por Luís Henrique Boscato

Natural de Nova Bassano-RS, participa há cerca de um ano de concursos literários. Já escreve desde os anos de 1984, porém nunca fez nenhuma edição de livro. Até o momento, teve participação nas seguintes coletâneas: Microcontos 2025 - Editora Persona: conto "Piro!" (livro físico); Contos e Poemas Sobre o Futuro nº 10 - Revista Conexão Literatura: conto "Carnaval dos Sonhos" (livro digital); Revista Arquétipos (a sair), com o conto "Destruição" e o poema "Odeio!(?)".

Estavam brincando desde cedo, e já estava na hora de Pedro e Joana voltarem para dentro de casa.

— Não fiquem muito tempo ali, crianças. Vocês sabem que têm hora para entrar — chamou a mãe.

— Sim, mamãe. Já vamos. Só falta capturarmos o dragão!

— Está bem, Pedro. Mas cuidado com estes cabos. Apesar de ser madeira, machucam!

— Do que ela está falando? — perguntou Jô ao irmão.

— Deve ser da minha espada — foi a resposta, com uma gargalhada, do menino.

Só entraram uma hora depois do combinado, com a lua já alta no céu.

— Conseguiram pegar o bicho? — perguntou Iolanda. — Pelo menos, não se machucaram com os cabos.

— Apenas demoramos mais do que imaginávamos. O difícil é segurá-lo no chão. Dragões gostam de voar!

— Muito bem, então. Agora vocês dois, vão já para o banho. Estão imundos!

Os irmãos correram em direção ao banheiro, dando risada e vendo quem chegaria primeiro.

Fazia já algum tempo que o pai das crianças, Bernardo, tinha saído para uma caçada. No entanto, não tiveram mais notícias dele desde aquele momento. E as desculpas para os pequenos já estavam terminando.

— Não demorem muito — Iolanda lembrou, após algum tempo. — A refeição já está quase ficando pronta.

— Já estamos terminando, mamãe — respondeu Joana.

Pouco tempo após a refeição, a filha ajudou a mãe a secar a louça, enquanto esta lavava. Pedro tirou os pratos da mesa e limpou-a. Apesar de pequenos, aprenderam desde cedo a ajudar a mãe.

— Obrigada, queridos. Agradeço todos os dias pelos lindos filhos que tenho. Amo vocês!

— Nós também amamos a senhora, mamãe — disseram os dois em uníssono.

— Agora, preparem-se para dormir.. Vocês demoraram na brincadeira além do que tínhamos combinado.

Assim que dormiram, a mãe foi para seu quarto, e sentou-se na cama, começando a chorar.

— Bernardo, por onde andas? – disse, entre lágrimas. — Sinto muito sua falta. Por quê não das notícias?

E, cansada, acabou pegando no sono ainda com a roupa do corpo, e teve um belo sonho com o marido.

“Minha querida — dizia ele — não se preocupe comigo. Logo estarei de volta. E sei que você vai cuidar, enquanto eu não estiver ali, muito bem de nossos filhos.”

E ele desapareceu. No dia seguinte, nada lembrava. Estranhou apenas ter dormido de roupa.

De manhã, iniciou o preparo do café matinal. Mais uma manhã sem a presença de Bernardo, pensou ela.

— Bom dia, mamãe — cumprimentaram os filhos, dando um gostoso beijo nas bochechas rosadas da mãe.

— Bom dia, amores. Dormiram bem?

— Sim, mas fiquei preocupado que o dragão fugisse – disse Pedro, que ainda bocejava.

— Ainda isso? Achei que já tinham terminado com esta brincadeira.

— Mas mãe, ele deve ser solto. Dragões gostam de voar. A senhora diz para não manter ninguém preso.

— Mas isso é para coisas de verdade. Dragões não existem! Resolvam isso e ajudem a cuidar da casa.

Assim que limparam a cozinha, os dois saíram em direção ao celeiro.

— Pedro, acho que a mamãe não está levando a sério. Deve achar que estamos falando mentiras.

— Mas como ela pode achar isso? Sempre disse para nós que mentir é errado.

— Sei lá. Os adultos são difíceis de entender. Escutei a mamãe chorando no quarto, acho que pelo papai.

— Poxa, ela sente falta dele. Mas ele está bem, foi o que nosso amigo disse. Ou o que ele pensou.

— Lá vem você dizendo que consegue ouvir pensamentos. A mamãe vai achar isso mentira, também.

Ao chegarem atrás do celeiro, desamarraram a corda do dragão e o soltaram.

“Obrigado, Pedro. Ajudarei vocês, já que você me ajudou.” — foi o que Pedro “escutou” ele dizer...

#

Com o passar dos dias e meses, a família continuava sem notícias do pai. A mãe não sabia o que dizer.

— Tenham calma, o seu pai vai voltar quando menos esperarmos.

— Mas as luas já passaram várias vezes, e até agora nada — dizia Pedro, cada vez mais emburrado.

— Tens sido forte até agora, querido; deves ter paciência.

— Está bem, — disse por fim o filho. — Serei mais forte. Mas é difícil ter esperança do retorno de papai.

— Entendo você perfeitamente, Pedro; assim como entendo sua irmã.

A sua irmã tinha conseguido um pretendente, e Pedro teve que tomar o lugar do pai no altar.

— Minha menina já é uma moça, — disse Iolanda ao filho. — Até quando você continuará aqui, Pedro?

— Ficarei o quanto precisar. Ainda vamos ver o pai voltar. A senhora disse para ser forte e ter confiança.

— Verdade, mas deve pensar em deixar sua mãe. Você deve achar uma companheira. Pense em você.

Ele já se aproximara de uma garota, mas era responsável pela mãe. Mas não poderia deixar de viver.

Por muito tempo, Pedro e a mãe esperaram o retorno do pai. Mas era cada dia mais improvável acontecer.

— Mãe, como você está?

— Bem ainda, mas minhas esperanças acabaram, filho. Não aguardo mais o retorno de seu pai.

— Já faz mais de 20 anos que ele desapareceu. Sinto que, na verdade, o perdemos.

— Temos que ter fé. Aguardemos mais um pouco, antes de desistirmos de tudo.

Algum tempo depois, Pedro noivou com a moça da vila, mas no momento de dizer à mãe que ia sair de casa, ficou sem jeito. No entanto, era o que devia fazer, pois não ia continuar esperando o pai chegar.

— Mãe...

Sem dar chance ao filho de explicar, Iolanda foi direta:

— Pode ir, Pedro. Sei que você está enamorado a muito tempo.

— Mas eu não queria...

— Entendo você perfeitamente, filho. Você já é um homem, e precisa viver sua vida, constituir família.

#

Então...

#

Fazia tempo que casara. Minha esposa era muito bela, cerca de dois anos mais nova do que eu. Nos amávamos muito, e ela sabia que meu pai desaparecera na floresta, sem deixar vestígios.

Naquela manhã, após o café da refeição matinal, ouvi um farfalhar de folhas no jardim. Mas não era um barulho normal de vento, e sim pareciam ser asas que houvessem criado tal evento, pois logo o mesmo cessou.

— Querido — disse minha esposa —, você escutou isso?

— Sim — respondi num sussurro, olhando pela janela pra o animal que se encontrava ao lado das árvores.

No princípio, não entendi como aquilo podia estar ali. Porém, ao lembrar de minhas aventuras infantis, não acreditei. Estava enorme, com as asas e um chifre no meio da testa. Era o dragão que eu soltara...

Após algum tempo, um vulto saiu de trás dele. Lembrava alguém: Bernardo, marido e pai desaparecido!

— Pedro?! — disse ele, espantado. — É você? Mas, mas..., você já é um homem feito! O que se passou?

Cheguei perto dele e dei um abraço muito apertado, como desejara dar desde pequeno.

— Papai, o senhor está aqui? — disse entre lágrimas. — O senhor não envelheceu nada! Como pode?

Não era só ele que estava sem palavras: eu quase não o reconheci, pois ele não envelhecera um só dia.

Nós passamos o resto da manhã conversando.

— Por onde andou? Aguardamos muito tempo, mas não tivemos notícias. Acabamos sem esperanças.

— Também eu gostaria de saber. Mas o tempo que passou não faz sentido. Olha você, já casado!

— Mas pai, já se passaram anos... O que foi que houve? Parece que o tempo não passou para o senhor.

— Sinceramente, também não entendo nada. Mas onde estão sua mãe e sua irmã? O quanto perdi!

Minha esposa fez comida para a refeição do meio-dia, e aproveitamos para descansar. Depois disse:

— Venha, papai, vou levá-lo à casa onde mamãe ainda mora. Sua casa, na verdade.

Tomamos, antes, o caminho da casa de Joana. Ela também era apegada ao papai.

— Bom dia, Pedro, o que quer? — perguntou Joana, ao ver-me ali na sua casa (coisa rara de acontecer).

— Olá, Joana. Temos uma visita aqui, inesperada.

— Uma visita? Quem é? E onde ela está?

Então ele estendeu a mão na direção do seu acompanhante. Joana soltou uma exclamação:

— Papai!

E atirou-se em seus braços, coisa que não fazia a muitos anos.

— Como está? É o senhor mesmo? Não está mais velho de quando eu me lembro, quando era pequena.

— Olá, Joana. Também não sei. Mas tentarei responder. Agora, gostaria de ir ter com sua mãe.

Após aquela conversa, todos foram em direção à casa de sua mãe. Bateram à porta, e Pedro chamou:

— Bom dia, mamãe. Sou eu, Pedro, e a Joana também veio. Podemos entrar?

De dentro da casa, uma voz rouca e cansada disse:

— Entrem, entrem, meus filhos. É muito bom ver vocês juntos.

Eles entraram. Infelizmente, a mãe mal enxergava. Seus olhos já não eram mais os mesmos.

— Mamãe, trouxemos alguém junto — iniciou Pedro.

— Sim? E quem é? Conheço?

— Olá, Iolanda — atalhou Bernardo. — Sou eu, seu marido...

Segundos após ouvir a voz do marido, Iolanda gelou. Logo, porém, como era de seu feitio, se recompôs.

— Bernardo, é você mesmo? Por onde esteve este tempo todo?

— Também não entendi o que aconteceu, minha querida — disse ele.

— E como foi que você chegou aqui? Onde estava até hoje?

— Mamãe — disse Pedro. — Não vai acreditar. Lembra do dragão que eu e a Jô saímos para soltar?

— Mas aquilo foi invenção de vocês! Você quer dizer o quê?

— Papai apareceu em minha casa hoje, nas asas daquele dragão...

Iolanda ficou aturdida. Não sabia se acreditava no filho. Esse tipo de bicho não existia!

— Pare com isso, Pedro. Não faça isso com sua velha mãe.

Iolanda olhou para o marido e disse estar feliz ao saber que ele tinha retornado.

— Que bom que voltou! Sentimos sua falta. Ou muito me engano, ou você está igual a quando saiu daqui.

— Também senti falta de vocês — iniciou Bernardo. — Quanto a isso, também não compreendo.

— Deve ser estranho sair de casa comigo sendo nova e retornar quando já somos velhos – disse Iolanda.

Não sabendo como explicar para a esposa seu não envelhecimento, Bernardo disse o que foi que ocorreu.

Até ver Pedro, casado, na sua casa, Bernardo não imaginava que tivesse passado tanto tempo.

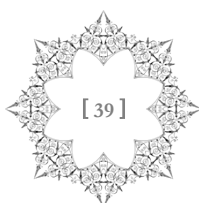
— Querida, também não compreendo. Quando saí para caçar, algo houve, mas não sei explicar. Foi como se eu tivesse entrado em um túnel, e perdi os sentidos. Devo ter ficado desacordado muito tempo, pois, antes disso acontecer, parecia uma manhã como outra qualquer e, ao abrir meus olhos, já era noite naquele lugar.

“Descansei, pois parecia que tinha andado léguas sem descanso. Me preparava para, no dia seguinte, explorar o lugar, que não sabia onde era, mas tinha muitas casas, uma sobre as outras, e atingiam até o céu.

“Acordei e me coloquei em guarda. Tinha ficado dormindo em um canto de uma dessas casas altas. Mas o que me acordou foi o barulho, que vinha de caixas de metal, nas queias as pessoas eram levadas, e que entravam por si mesmas. Não haviam cavalos, ou outra montaria. Apesar da claridade, vi que a luz vinha de coisas penduradas, no teto das casas, que via através de janelas fechadas com algo que permitia ver para dentro das mesmas, e nas ruas esta luz provinha de altos troncos de um material duro. Comida, pelo que vi, estava dentro de latas, não havia caça; e as roupas, todas eram iguais. O pior de tudo era o barulho e a sujeira.

“Estava tão absorto naquilo que não notei que alguém me observava. Era uma pessoa que estava envolta em um manto escuro, e disse que vinha em nome do meu filho. Também disse que todos os meus familiares sentiam minha falta, e não sabiam como ou onde estava. Ele disse: ‘Sobe em minhas costas; levarei você de volta.’ Estranhei tal pedido, mas foi o que fiz.

“E isso foi cinco dias depois de ter saído de casa; um dia depois de eu ter chegado naquela fantasia...”





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O GATO GERALDO

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália.

Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

Minha família, o gato Geraldo e eu morávamos no Bairro da Bela Vista, na cidade de São Paulo. Vizinho de casa havia o açougue do Seu Matias, português simpático, forte e muito sorridente que gostava de cantar Figaro ao som das batidas das enormes peças de carne no balcão de madeira ensanguentado. Terças e quintas era um desfile de quartos bovinos pelo açougue adentro. Três homens de branco transportavam sobre os ombros sujos de um vermelho encardido, aquilo que para o gato Geraldo era a maravilha de seus dias felinos. Como num ritual ele se punha no peitoral da janela da sala a espreitar aquele espetáculo.

Ativo como ele só mais parecia um bichinho de lã. Seus pelos com rajadas brancas e amarelas terminavam com um arremate negro nas extremidades, orelhas, patas e rabo. Sua cara sempre limpinha e fofa com pelos amarelados em toda a volta pareciam querer proteger seus grandes e brilhantes olhos verdes, rodeados de pelos pretos, que mais lembravam uma máscara.

De olhos arregalados, a língua lambendo os beiços de quando em quando, seu miado ressoava mais apagado por causa da saliva que insistia em encher-lhe a boca, pregando a cada lambida. Que sofrimento para esse pobre gato. Seu estômago roncava tão alto, que se confundia com a voz do Seu Matias cantando ópera, enquanto cortava as carnes fazendo uma orquestra com os mais variados sons vindos da rua. O que se passava na cabeça de Geraldo, ninguém sabia, tal era a vontade de abocanhar aquela iguaria.

Tudo caminhava igual até que num sábado tivemos de viajar para a casa da minha avó e não pudemos levar o gato, deixando-o com ração de almoço e jantar. Era tarde da noite quando retornamos para casa e não encontramos Geraldo em canto algum. Por certo ele estaria namorando nas proximidades, então não nos preocupamos, pois ele sempre ia se encontrar com uma gatinha que morava na vizinhança.

No dia seguinte de manhã, Geraldo não veio tomar o seu leite, nem mesmo na hora do almoço. Muito estranho isso. A preocupação foi tomando conta da gente. Estranhos pensamentos me passavam pela cabeça. A sensação que eu tinha era de que Geraldo conseguira entrar no açougue e fizera a festa. Mas, se fosse isso, com certeza Seu Matias já teria vindo reclamar. Mais estranho ainda foi o fato do açougue não abrir as portas de manhã, como sempre.

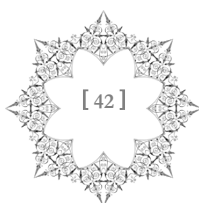
Na segunda feira ao ver o açougue fechado ficamos sabendo do acontecido. À tarde quando tivemos notícias, todos falavam da coragem do nosso amiguinho e suas façanhas. Seu Matias não abriu o açougue porque estava com Geraldo na Clínica veterinária. Assustada corri até o local e vi o gato deitado na mesa de cirurgia sendo atendido. Então soube de toda a história. Geraldo como sempre, ouviu a cantoria do açougueiro e estranhou quando Seu Matias não cantou o Fígaro todo.

Ao perceber que alguma coisa quebrara a rotina de tanto tempo, curioso como só um pode ser, resolveu espreitar o que achara tão diferente de todos os dias. Silencioso como se flutuasse no ar, tomou ares de detetive e assustado percebeu que havia ladrões no recinto. Seus pelos arrepiaram-se costa abaixo numa reação ao perigo, suas pupilas, mais brilhantes pareciam dois faróis iluminando a escuridão que tomara conta do local. O gato bravamente defendera o açougue no verdadeiro sentido da frase “com unhas e dentes”.

De modo algum ele deixaria o paraíso dos seus sonhos diários ser assaltado, ora essa! Corajoso como ele só, afugentou os ladrões que correram apavorados e todo arranhados, sem saber direito o que acontecera. Esse ato de coragem quase lhe custou a vida ou mais especificamente, uma de suas sete vidas. Ficou ali deitado sem conseguir se levantar, tamanha fraqueza e indisposição, até que o dono do açougue foi socorrê-lo.

Seu Matias ao encontrar Geraldo desacordado e ferido percebeu que o pobre gato impedira bravamente o assalto. Bondoso como era e agradecido pegou o gato e levou-o ao veterinário.

Depois de alguns dias Geraldo estava recuperado e cheio de si. Seus hábitos não mudaram, ficava na janela esperando o desfile dos homens de branco com as carnes que adentravam o açougue. Só que com uma diferença: agora depois do maravilhoso espetáculo e da cantoria toda do Seu Matias, ele sabia que ganharia um prato cheio de suculentos pedaços de carne bem macia e cheirosa, como só ele gostava.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ZEQUINHA E A CAVERNA ENCANTADA

Por Michele Jordania Ferreira

Mestre em Administração de Empresas - Must University - USA. Funcionária da iniciativa privada. Professora universitária da rede privada em Sete Lagoas, MG. Educadora voluntária Programa Formare. Bacharel em Administração de Empresas; Bacharel em Ciências Contábeis. Contadora CRC-MG; Especialista em Controladoria Financeira, Lato Sensu em Planejamento Tributário e Gestão Contábil; Especialista em IFRS.

Minha avó me contava, que há 100 anos,
Se falava da caverna encantada.
Lá morava Zequinha, menino esperto e irmão da Clarinha.

Zequinha era um menino simples e de boa fé,
Filho da Dona Angela e do seu Barnabé.
Seus pais sempre lhes ensinaram uma lição: Aja sempre na vida com bom coração.

Na caverna encantada, Zequinha sempre fazia;
Sopra de letrinhas, mistura cheirosa e também muito poderosa.
Rezava a lenda que se, você tomasse da sopinha, o gênio da lâmpada então saia.

Três desejos, você tinha direito,
Se tivesse todos os deveres da escola feitos.
O gênio e Zequinha lhes ajudam com louvor, se suas intenções fossem só de amor!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

PAREDE SENTIMENTAL

Por Nina Melchior

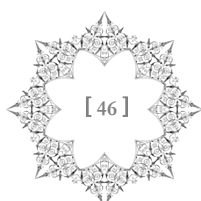
Nina Melchior, sendo uma jovem que sempre brincou com sua criatividade, criar histórias que o povo possa gostar passou a ser o seu sonho de vida. Desenhos, jogos e filmes nunca saíram de perto de Nina, então o amor pelo entretenimento é um pedaço que cresceu ao lado da jovem. Embora seja uma garota sonhadora, Nina também é ansiosa, o que dificulta em conviver socialmente. Hoje, é focada nos estudos em Design Digital, têm a prática de desenhar como um hobby e está iniciando seu desejo de ser escritora, mas Nina têm o objetivo de trabalhar com histórias fictícias com o objetivo de provocar sentimentos no espectador.

Em um dia ensolarado, uma menina começa a desenhar em uma parede enorme em sua cidade com sua irmãzinha ainda bebê ao seu lado. Seus desenhos refletem seus sentimentos e emoções, que fazem ela criar obras de artes bonitas. Primeiramente, a menina desenha uma criança abraçada aos pais com um bebê de colo com um coração, refletindo seu amor pela sua família. A bebê começa a aplaudir o desenho com um sorriso no rosto, enquanto a menina fica feliz com o resultado.

No dia seguinte, o sol brilha sobre a terra mais uma vez, e a menina continua a desenhar com a sua irmã ao seu lado. Sua próxima arte é um cachorro fofinho, ao lado de uma plantinha, que mostra seu amor pela vida no mundo e pela natureza. A irmãzinha chega perto de sua irmã mais velha e pede um abraço, deixando a menina morrer de amores pela sua irmã.

A partir da próxima tarde, a menina está sozinha, sem sua irmãzinha, criando mais uma obra na parede gigante. A arte consistia em uma mão estendida, um bebê na cama ao lado de sua família. A menina decide sentar ao lado do desenho e começa a rezar antes de ir embora.

No último dia que a menina ia desenhar na parede, acaba desenhando um bebê com um coração ao redor. A menina abraça o desenho por dois minutos e vai embora com uma lágrima escorrendo em seu rosto.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

DISTINTOS ESPAÇOS

Por Nina Melchior

Nina Melchior, sendo uma jovem que sempre brincou com sua criatividade, criar histórias que o povo possa gostar passou a ser o seu sonho de vida. Desenhos, jogos e filmes nunca saíram de perto de Nina, então o amor pelo entretenimento é um pedaço que cresceu ao lado da jovem. Embora seja uma garota sonhadora, Nina também é ansiosa, o que dificulta em conviver socialmente. Hoje, é focada nos estudos em Design Digital, têm a prática de desenhar como um hobby e está iniciando seu desejo de ser escritora, mas Nina têm o objetivo de trabalhar com histórias fictícias com o objetivo de provocar sentimentos no espectador.

Na sua mente, havia um astronauta flutuando no espaço sideral. Apesar de ser uma criança do quinto ano, Breno não estava explorando o espaço, tudo o que fazia era flutuar, em meio às estrelas que brilhavam tão levemente, que dava para dormir enquanto a gravidade o levava para onde ninguém mais iria. Infelizmente, esse sossego durou pouco, pois sua mãe foi chamá-lo para se arrumar para a escola.

Ao amanhecer, era quando Breno precisava levantar para mais um longo dia de aula, mesmo sem odiar as aulas, ainda era frustrante estar em meio a um barulho excessivo vindo de seus colegas. Mas mesmo não gostando, a única opção de Breno era obedecer sua mãe e se lavar no banheiro.

Sempre que terminava de usar o banheiro, Breno se sentava na mesa de seus pais e irmã. Embora estivesse com sua família, raramente ouvia-se Breno interagindo perante a mesa, detestando qualquer grito durante o café da manhã, querendo apenas estar relaxando entre as estrelas.

Chegando até a escola no carro de sua mãe, Breno só caminhou até a sua sala de aula, sem cumprimentar algum de seus colegas, apenas dizendo “oi” quando alguém falava com ele.

Antes da aula começar, Breno aproveitou seu tempo para se sentar em seu lugar na sala e fechar os olhos, indo até o seu lugar feliz, no qual podia ser chamado de espaço sideral. Nada era tão prazeroso para Breno quanto flutuar entre as estrelas, sem sons externos para fazê-lo abrir os olhos, até o sinal tocar.

Abrindo os olhos, Breno levantou a cabeça de sua classe, vendo seus colegas interagindo entre si, alguns ainda o cumprimentaram por educação. O desgosto por sair do espaço sideral era enorme, mas Breno conseguiu manter a calma e esperar pacientemente a professora chegar.

Era hora da aula, e a professora entrou na sala dentro de 5 minutos, apresentando uma nova aluna na turma. Alice chegou em frente aos alunos acenando para todos, e todos os seus novos colegas tentaram conhecê-la melhor, ou melhor, todos com exceção de Breno, que olhava para baixo enquanto pensava no seu canto feliz. Embora Alice se incomodasse um pouco, ainda ignorou por pensar que o jovem era tímido.

A agitação e o carisma de Alice ocasionaram na aproximação da garota com seus colegas, embora também respeitasse o espaço dos alunos que queriam aprender com a professora naquele momento. Seus colegas eram curiosos ao seu respeito, e Alice

respondia educadamente, mesmo que quisesse saber mais sobre Breno, não questionava sobre ele.

Depois que o conteúdo da aula foi passado na lousa, era hora de fazer os exercícios propostos pela professora, e um dos alunos pediu para fazer dupla com Breno, já que não entendeu muito bem e sabia que Breno era estudioso. Mesmo gostando de ficar sozinho, Breno sabia que era bom ajudar seu colega, então autorizou o seu colega a colocar a classe ao seu lado.

Alice viu o jovem se aproximando de Breno e questionou o colega sentado em sua frente sobre o caráter de Breno, e o colega respondeu que era um jovem bem inteligente e esforçado, mas que gostava de estar sozinho por um motivo desconhecido, e todos apenas respeitavam o seu espaço, mas pediam ajuda sempre que precisavam.

Era hora do recreio, e Breno estava sentado em um dos bancos em frente ao pátio, mas estava em seu mundo imaginário, em meio às estrelas. De repente, o chamado de uma voz feminina interrompia seu momento de paz, Alice o chamava para a realidade.

— Precisa de algo? — Breno perguntou atento, escondendo o seu desânimo.

— Preciso de um colega para conversar! — Alice respondeu alegremente, colocando o braço nos ombros de Breno.

Dentro de 5 minutos, Alice interagiu sem parar de falar por 2 segundos, fazendo perguntas para Breno sem deixá-lo responder uma delas. Breno ficou extremamente incomodado com a presença de Alice, fracassando em se afastar de sua colega. Breno tentou inventar uma desculpa para fugir, conseguindo tirar o braço de Alice em seus ombros, mas Alice segurou a mão de Breno com força antes de escapar, ocasionando no choro de Breno.

Como havia muitos alunos da escola presentes ali, um deles chamou a diretora, que chamou tanto Alice quanto Breno para a secretaria. Com os dois sentados em sua mesa, a diretora foi questionar o que estava acontecendo na frente do pátio, e Alice respondeu um pouco ansiosa:

— Eu apenas fui conversar com Breno, e ele ficou desconfortável.

A diretora começou a encarar Breno, esperando por uma resposta. Percebendo o recado, Breno respondeu com um certo desconforto:

— Eu estava de boa, e ela veio até mim. Eu tentei me afastar, mas não deu certo.

A diretora, sendo uma autoridade da escola que viu muitas vezes casos parecidos, não se irritou, mas chamou a atenção de Alice e Breno e explicou:

— Estou entendendo, mas vamos esclarecer uns assuntos aqui. Alice, fico feliz por tentar ser amiga dele, eu realmente adoro ver a união de colegas, mas tente não obrigá-lo a conversar, deixe-o em seu próprio ritmo.

Alice fez gesto de afirmação com a cabeça e, logo em seguida, a diretora olhou para Breno e continuou a explicação:

— Breno, eu sei que prefere estar sozinho, mas pense que ela só queria conversar, nunca foi com a intenção de incomodar você. Ela não te conhece bem ainda, então ela não esperava por sua reação, mas dê uma chance para novas amizades, você pode gostar.

Breno concordou com as palavras da diretora, olhando para Alice e pedindo desculpas logo em seguida. A diretora logo liberou Alice e Breno para o recreio, que saíram da diretoria com muitos alunos curiosos esperando por esclarecimentos do ocorrido. Breno se sentiu incomodado, mas Alice tomou a frente e disse:

— Só nos desentendemos, ficamos ansiosos por motivos bobos, mas estamos bem agora.

Breno concordou com as falas de Alice e deixou claro que era verdade. Alice, vendo o desconforto de seu colega, pegou Breno pelo braço e o levou até a sala de aula, fazendo os alunos liberarem o caminho.

Com o encerramento do recreio, a aula prosseguia, e a professora decidiu passar questões da matéria de ciências na lousa para os seus alunos, quando terminou de escrever cada pergunta, a professora ordenou que os alunos as fizessem e se sentou em sua mesa.

Quando Alice terminou de anotar as questões em seu caderno, tentou responder uma de cada vez, porém não conseguia resolver nenhuma, pois não entendia nada da matéria. Com sua dificuldade cada vez mais aparente, Alice sentia-se cada vez mais ansiosa, deixando-a ofegante e com ódio de si mesma por “fracassar”.

Breno, percebendo a dificuldade de Alice, se levantou calmamente da cadeira e foi em direção a mesa de sua colega, segurando seu caderno. Quando chegou ao lado de Alice, Breno a chamou, perguntando se ela queria uma ajuda. Alice olhou fixamente para Breno, e disse que queria um reforço.

Breno deixou o seu caderno na mesa de Alice e foi, primeiramente, buscar a sua cadeira. Quando Alice decidiu olhar para a folha do caderno de Breno, viu que todas as questões estavam resolvidas, mas antes de copiar uma das respostas, seu colega voltou com sua cadeira.

Para ajudar sua colega, Breno virou a página das questões, deixando em um resumo que a professora tinha passado dias atrás. O objetivo de Breno não era entregar a resposta logo de cara, e sim explicar cada questão com o resumo.

Alice, prestando toda a atenção que tinha nas explicações de Breno, conseguiu responder todas as questões antes da aula se encerrar. Alice ficou mais tranquila, mesmo sentindo uma dor de cabeça leve por conta do esforço, e agradeceu seu colega pela ajuda. A professora surgiu na frente dos dois e elogiou Breno por sua disposição em ensinar a sua nova colega, deixando Breno lisonjeado.

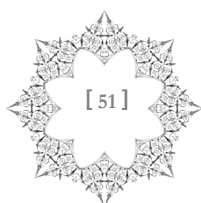
Com o sinal tocando, a aula se encerrava, e Alice saiu da sala interagindo calmamente e alegremente com Breno, Embora conversassem até a entrada, a mãe de Breno já estava o esperando no portão.

Com a aproximação de seu filho, a mãe de Breno o recebeu com um abraço, falando que a diretora comentou o que aconteceu no recreio. Apesar de Breno ter engolido seco, a notícia foi boa, já que a sua mãe vivia dizendo para Breno se enturmar com os seus colegas, e o ocorrido deixou a deixou com um sorriso animado.

Alice acenou para a mãe de Breno, que acenou de volta e disse:

— Você é a Alice? Fico agradecida por vocês estarem se dando bem! Meu filho pode ser especial, mas também é espetacular, e hoje você fez ele provar mais uma vez isso.

Breno e sua mãe foram até o carro, enquanto Alice estava parada, vendo seu mais novo amigo partir, ansiosamente esperando pelo dia seguinte para vê-lo novamente.





A P R E S E N T A M O S

POEMA 1

Por Sellma Luanny

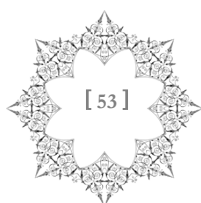
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Tenho medo, muitíssimo medo
Medo de ser e não ser verdade
O eu estar ou não estar amando
Minha mente é uma tempestade.

Ah! Se eu pudesse eu adoraria
Sair de vez dessa dualidade
Viver somente de fantasia
Está me matando a realidade.

Esta realidade sufocante
Onde eu não posso jamais amar
Esta realidade extenuante
Na qual eu só posso vegetar.

Por isso somente a noite é amiga
De fantasiosos iguais a mim
Onde sonhamos sem a fadiga
A fadiga desta vida enfim.





A P R E S E N T A M O S

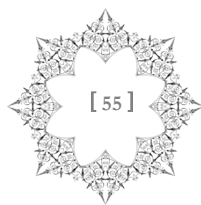
POEMA 2

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Tudo mudou depois que te vi
As estrelas, os astros enfim
Já não são mais bastante pra mim
Desde o dia que te conheci.

Só pensava no futuro além
No desconhecido e tu vieste
Povoar este coração, então agreste
Não só de flores, de amor também.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A GRANDE AVENTURA DE LILA E A ESPADA MÁGICA

Por Tatiane da Silva Pereira Veiga

Tatiane Veiga é uma escritora recente com algumas participações em coletâneas literárias, e estudante de Pedagogia na Universidade Pública. Seu hobby é escrever histórias infantis, e faz disso seu aprendizado para a vida.

Era uma vez uma menina chamada Lila, que morava numa pequena vila cercada por florestas encantadas. Um dia, enquanto explorava o sótão da casa da avó, Lila encontrou uma espada brilhante, com runas misteriosas gravadas na lâmina.

De repente, a espada começou a brilhar e uma voz suave falou:

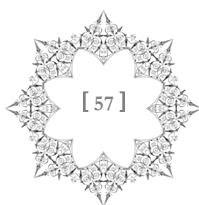
Lila, você foi escolhida para proteger o Reino das Estrelas! Uma sombra escura ameaça o castelo, e só a espada mágica pode derrotá-la.

Sem hesitar, Lila pegou a espada e partiu para a floresta. Pelo caminho, encontrou seu amigo Leo, um garoto corajoso que sabia lutar com espadas. Juntos, enfrentaram desafios: atravessaram pontes estreitas, resolveram enigmas e lutaram contra criaturas sombrias.

Quando chegaram ao castelo, a sombra apareceu, enorme e assustadora. Lila segurou firme sua espada mágica, que brilhou com toda a força. Com um golpe certo, ela derrotou a sombra, que desapareceu em um feixe de luz.

O Reino foi salvo! Lila e Leo foram recebidos como heróis, e a espada mágica voltou a brilhar, pronta para proteger o reino sempre que fosse necessário.

E assim, Lila aprendeu que coragem e amizade são as maiores forças de todas.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

AMIGOS EM CAMPO

Por Tatiane da Silva Pereira Veiga

Tatiane Veiga é uma escritora recente com algumas participações em coletâneas literárias, e estudante de Pedagogia na Universidade Pública. Seu hobby é escrever histórias infantis, e faz disso seu aprendizado para a vida.

Na pequena cidade de Vila Verde, o futebol era mais que um esporte - era uma paixão que unia todo mundo. Entre as ruas de paralelepípedo e as árvores que balançavam ao vento, um grupo de amigos se encontrava todo fim de tarde no campinho de terra batida para jogar.

Lucas, Ana, Pedro e Sofia eram inseparáveis. Cada um tinha seu estilo. Lucas era o atacante veloz, Ana a goleira destemida, Pedro o meio-campista criativo e Sofia a defensora incansável. Eles sonhavam em um dia jogar em um time grande, mas, acima de tudo, gostavam de estar juntos.

Um dia, um campeonato da cidade foi anunciado. O prêmio? Uma bola oficial autografada por um jogador famoso. Os amigos decidiram se inscrever, mesmo sabendo que enfrentariam times com jogadores mais experientes.

Durante os treinos, surgiram dificuldades. Lucas machucou o tornozelo, Ana ficou insegura depois de levar um gol difícil, e Pedro começou a discutir com Sofia por causa de um lance no jogo. Parecia que a amizade estava em risco.

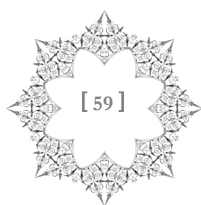
Foi então que Ana, com sua voz calma, disse:

Gente, o que importa não é ganhar, mas jogar juntos. Se a gente brigar, perdemos tudo.

Eles se olharam, entenderam o valor da amizade e decidiram apoiar um ao outro, independentemente do resultado.

No dia do campeonato, jogaram com garra e alegria. Mesmo quando estavam atrás no placar, não desistiram. No último minuto, Pedro fez um passe perfeito para Lucas, que marcou o gol da vitória.

Mais do que o troféu, eles comemoraram a união que os mantinha juntos. Afinal, no futebol e na vida, os melhores gols são os feitos com amigos ao lado.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI